



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

**Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 3**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| A945 | <p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 3 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-460-3 DOI 10.22533/at.ed.603191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE SÃO ATENDIDOS PELO SAREH | |
| Geicinara Martins de Almeida Oliveira Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910071 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| A ESCOLA INCLUSIVA: ASPECTOS GERAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS | |
| Ester Vitória Basílio Anchieta Ezer Wellington Gomes Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910072 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| A PARTICIPAÇÃO DE UMA ALUNA EM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA | |
| Rodrigo Barbuio Evani Andreatta Amaral Camargo Ana Paula de Freitas | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910073 | |
| CAPÍTULO 4 | 40 |
| A PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN E SEU COMPORTAMENTO DIANTE O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE | |
| Ivanusa Maria da Silva Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910074 | |
| CAPÍTULO 5 | 48 |
| A PRÁTICA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA REDE PÚBLICA DE SP COM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA | |
| Carolina Lourenço Reis Quedas Silvana Maria Blascovi-Assis Maria Eloisa Famá D´Antino | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910075 | |
| CAPÍTULO 6 | 61 |
| A TRAJETÓRIA DE LUTAS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: EM BUSCA DA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO | |
| Dilene Pinheiro da Silva Ailton Vitor Guimarães | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910076 | |
| CAPÍTULO 7 | 70 |
| ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL | |
| Loryza Rodrigues Barbosa de Barros Natal Juliana Marcondes Bussolotti | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910077 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8 | 85 |
| ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: IMPLICAÇÕES NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NO MUNICÍPIO DE UBIRATÃ-PR | |
| Adriane de Lima Vilas Boas Bartz | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910078 | |
| CAPÍTULO 9 | 96 |
| ARTE, VISÃO DE UM MUNDO COM DEFICIÊNCIA | |
| José Ricardo Lopes da Silva | |
| Laís Helena Gouveia Rodrigues | |
| Lucas Moreno Cavalcanti Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.6031910079 | |
| CAPÍTULO 10 | 110 |
| CONSTRUÇÃO DO SENTIDO COLETIVO EDUCACIONAL E A BUSCA DA INSERÇÃO SOCIAL DOS AUTOINSUSTENTÁVEIS: UM RELATO VIVENCIADO | |
| Giselda Frank | |
| Viviane Brandão Frigo | |
| Samira Furlan | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100710 | |
| CAPÍTULO 11 | 115 |
| CURRÍCULO EDUCACIONAL, UM OLHAR PELAS DIVERSIDADES | |
| Lucimar Araújo Braga | |
| Igor Antonio Barreto | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100711 | |
| CAPÍTULO 12 | 130 |
| DEFASAGEM IDADE/SÉRIE E POLÍTICAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: AS AÇÕES DOS PEQUENOS MUNICÍPIOS DO VALE DO RIO DOS SINOS/RS | |
| Tatiane de Fátima Kovalski Martins | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100712 | |
| CAPÍTULO 13 | 136 |
| DESAFIOS DA INCLUSÃO COMO INSTITUINTE DESENCADEANTE DE MUDANÇA NA FAMÍLIA E NA ESCOLA | |
| Neide Barbosa Saisi | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100713 | |
| CAPÍTULO 14 | 145 |
| EDUCAÇÃO EM SAÚDE A DEFICIENTES VISUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL | |
| Ana Carolina Guidorizzi Zanetti | |
| Kelly Graziani Giaccherro Vedana | |
| Anderson Heiji Lima Miyazaki | |
| Bárbara Gadioli | |
| Beatriz Molina Carvalho | |
| Bruna Marques Chiarelo | |
| Carine Sanches Zani Ribeiro | |
| Cíntia Coró | |
| Cristiano Gimenez Olímpio | |
| Daniele Maria Nogueira | |
| Isabelle Wengler Silva | |

João Paulo Ferreira Rodrigues
Jonas Gabriel Pestana Gradim
Julia Cintra Gomes
Juliana Masini Garcia
Livia Maria Landgraff Pereira
Mariana Aparecida de Jesus Castro Santos
Murillo Fernando Jolo
Thainá Ferreira de Toledo Piza
Tatiana Pupim Libório

DOI 10.22533/at.ed.60319100714

CAPÍTULO 15 150

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SISTEMA PENITENCIÁRIO

Silvana Mara Bernardi Rizotto
Fernanda Sprada Lopes
Ivo José Both

DOI 10.22533/at.ed.60319100715

CAPÍTULO 16 154

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ana Paula Dantas Ferreira
Dayane Mary Soares da Costa
Dayse Alves dos Santos
Marcos Antônio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.60319100716

CAPÍTULO 17 171

EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL: A CIDADANIA ATRAVÉS DAS ONDAS DA RÁDIO ESCOLAR

Alana Lessa do Nascimento Silva
Evaldo Ribeiro Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.60319100717

CAPÍTULO 18 182

ENSINO DA MATEMÁTICA PARA CEGOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vanessa Soares Sandrini Garcia

DOI 10.22533/at.ed.60319100718

CAPÍTULO 19 187

ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andréa dos Guimarães de Carvalho
Gilmar Garcia Marcelino
Kelly Francisca da Silva Brito
Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

DOI 10.22533/at.ed.60319100719

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 20 | 193 |
| INFOLIBRAS: VÍDEOAULAS PRÉ-VESTIBULAR EM LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS | |
| Jaison Fernando da Silva | |
| Caroline Barboza Januário | |
| Lívia Bianca Oliveira Dariva | |
| Daniele Rosa de Arruda da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100720 | |
| CAPÍTULO 21 | 199 |
| LEI N. 8.069/1990 – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA ADOLESCENTE COM COMPORTAMENTO DESVIANTE? | |
| Darliane Silva do Amaral | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100721 | |
| CAPÍTULO 22 | 204 |
| O DIREITO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS MARCOS LEGAIS DO BRASIL DE 1994 A 2015 | |
| Juliane Kelly de Figueiredo Freitas | |
| Josanilda Mafra Rocha de Moraes | |
| Lenina Lopes Soares Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100722 | |
| CAPÍTULO 23 | 217 |
| O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR POR MEIO DO ENSINO RELIGIOSO | |
| Patrícia Aparecida da Cunha | |
| Guilherme Alessandro Garcia | |
| Eloy Alves Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100723 | |
| CAPÍTULO 24 | 224 |
| O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA SURDOS | |
| Rosanea Beatriz Borges | |
| Melchior José Tavares Júnior | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100724 | |
| CAPÍTULO 25 | 232 |
| PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ENFOQUE CTS/CTSA NO ENSINO FUNDAMENTAL VISANDO À INCLUSÃO SOCIAL E CIDADANIA PLENA | |
| Ivone Liphhaus Almeida | |
| Sidnei Quezada Meireles Leite | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100725 | |
| CAPÍTULO 26 | 245 |
| POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL: DESAFIOS NA GARANTIA DE DIREITO À EDUCAÇÃO | |
| Ivana Aparecida Weissbach Moreira | |
| Rosenei Cella | |
| Rosana Cristina Kohls | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100726 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 27 | 251 |
| USO DE INSTRUMENTOS MIDIÁTICOS NO PROCESSO DE LETRAMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL | |
| Fernanda Cinthya de Oliveira Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100727 | |
| CAPÍTULO 28 | 270 |
| TDAH: SUAS IMPLICAÇÕES COM A VIDA | |
| Yara Vieira Alberti | |
| Adriane de Lima Vilas Boas Bartz | |
| Cintya Fonseca Luiz | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100728 | |
| CAPÍTULO 29 | 280 |
| PROJETO VIVENDO AS DIFERENÇAS | |
| Cintia Cristina Escudeiro Biazan | |
| Denise Aparecida Refundini Castellani | |
| Sandramara Morando Gerbelli | |
| Viviane Franzo Juliani | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100729 | |
| CAPÍTULO 30 | 291 |
| TRANSFORMAR PARA INCLUIR – O CASO DO CAIS DE CONTAGEM-MG | |
| Élida Galvão do Nascimento | |
| Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100730 | |
| CAPÍTULO 31 | 301 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A PERSPECTIVA DO PROFESSOR FACE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS ESCOLAS DE ENSINO REGULAR | |
| Everton Ucela Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100731 | |
| CAPÍTULO 32 | 312 |
| PROPOSTA DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS UTILIZANDO ATIVIDADES E MATERIAIS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E/OU BAIXA VISÃO VERSANDO CONTEÚDOS DO ENSINO MÉDIO | |
| Thamires de Souza Nascimento | |
| Andréa Aparecida Ribeiro Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.60319100732 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 323 |

CURRÍCULO EDUCACIONAL, UM OLHAR PELAS DIVERSIDADES

Lucimar Araújo Braga

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Igor Antonio Barreto

Colégio Integração

RESUMO: O presente artigo apresenta alguns resultados de pesquisa, ensino e extensão, realizados junto aos cursos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), respaldados pelo Grupo de Estudos em Currículo Educacional e Diversidades (GECED). O objetivo foi geral foi promover reflexões sobre de que forma a educação formal trabalha as questões sobre as diversidades como gênero e sexualidade em seu currículo. Amparado por teorias tradicionalistas os currículos educacionais, em geral, seguem tendências de reprodução de uma única cultura, a dominante (TADEU DA SILVA, 2004). Por isso, nossos estudos estão permeados pela teoria crítica em que procuramos lidar com as questões de currículo de forma mais ampla, em que a diferença seja percebida como uma questão de cultura, de política e de história. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e os dados foram analisados com o amparo da Análise de Conteúdo de Bardin (2011). O resultado aponta que os currículos dos cursos de Letras, em sua última versão de número 3, em vigor desde 2015, apresentam tendências de viabilização

de uma educação fundamentada na teoria tradicional caminhar para uma educação mais crítica e aberta às diversidades, principalmente com a entrada da curricularização da extensão no currículo dos cursos de Letras.

PALAVRA-CHAVE: Currículo educacional; diversidades; curricularização da extensão.

ABSTRACT: The present academic paper presents some results of a research about teaching and extension, made along side the Letters Course of Estate University of Ponta Grossa, underppined for the Study Group on Educational Curriculum and Diversities. The main point it is to promote reflections on how formal education addresses issues of gender and sexuality diversity in their curriculum. Supported by traditionalist theories, educational curriculum in general follow trends of reproduction of a single culture, the dominant (TADEU DA SILVA,2004). Therefore, our studies are permeated by critical theory in which we seek to deal with curriculum issues in a broadly way, where the difference is perceived as a matter of culture, politics and history. The used methodology was the qualitative research and the data were analyzed with support of the Content Analysis of Bardin (2011). The result indicates that the curriculum of Letters Course, in its last version of number 3, in force since 2015 presents, viability tendencies of an education based on the traditional theory

to move towards a more critical education and open to the diversities, especially with the entrance of the curricularisation of the extension in the curriculum of the Literature courses.

KEYWORD: Educational Curriculum, diversities, curricularisation of the extension.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo é parte do trabalho realizado com pesquisa, ensino e extensão pelos autores nos anos de 2017 e 2018 UEPG. Além da pesquisa que busca o aperfeiçoamento científico, o ensino é o elemento diário de uma professora e um acadêmico e a extensão entra nesse tripé com a curricularização da extensão, nos cursos de Letras de UEPG. (Letras na UEPG são três cursos Português-Espanhol; Português-Inglês e Português-Francês).

O fazemos à luz da iminente necessidade de compreender e estudar o currículo para que assim, possamos compreender a direção do inacabamento inerente à vida humana e aos currículos educacionais (FREIRE, 2000). Também à luz de uma abordagem integral das temáticas de gênero e sexo nos currículos de licenciaturas, discutimos as definições dos objetos que envolvem este artigo como: currículo, gênero e sexo, destacando seus papéis na formação das identidades no processo educacional.

Olhar para uma história com mais de cinco décadas – como é o caso do curso de Letras da UEPG - é primordial para que tenhamos a noção da direção para a qual caminhamos. O fazemos com o intuito de identificar se caminhamos rumo a uma possibilidade de equidade ou de exclusão.

Para isto, apresentamos os meios como concretizamos esta proposta, a estrutura dos textos curriculares encontrados e a compreensão de professores e alunos dos cursos de Letras a respeito do próprio currículo. Não poderíamos deixar de expressar a nossa experiência prática de associação da pesquisa, ensino e extensão no Grupo de Estudos em Currículo Educacional e Diversidades.

Contudo, a análise só foi possível depois de um recorte teórico que associa os currículos aos estudos de gênero. Optamos aqui por apresentar algumas faces da Teoria *Queer*, como possível elo entre as teorias de currículo e os estudos de gênero e sexualidade.

Buscamos justificar uma formação docente sensível à temática de Diversidades, propondo a discussão em questão como um fator regulador do currículo educacional, para universalizar a discussão, permitindo que todo o entorno dos currículos de Letras da UEPG possa ser afetado por estas consciências, uma vez que temas como a diversidade de gênero e sexo não fazem parte, diretamente, dos conteúdos que são estudados nas licenciaturas dos cursos de Letras da UEPG.

Constatamos que o percurso histórico culmina na cessão de micro espaços do currículo aos temas de gênero e sexo, nos posicionamos quanto à necessidade de universalizar a temática em âmbitos de currículo, retirando assim a reflexão de nossa

temática dos pequenos grupos que são interessados, ou que necessitam discutir tais temas.

No Brasil, no período de 01/10/2017 a 30/09/2018, 369 pessoas tiveram suas vidas cerceadas e ceifadas em razão do preconceito e da discriminação aos seus gêneros e sexos; segundo o Transgender Europe (TGEU). Sendo assim, o Brasil é o país que mais registra mortes em todo o mundo por fobia aos gêneros e sexos, caso haja divergência da homogeneidade que os cerca.

Estes números são acompanhados de uma infinidade de outros exemplos de preconceitos contra as mulheres, por exemplo, em que os sexos e os gêneros definem os papéis sociais como o fato das diferenças salariais entre homens e mulheres; a dificuldade de inserção no mercado de trabalho sofrida pelas pessoas trans e, ainda, o medo enfrentado pelas mulheres ao saírem de casa à noite.

Diante deste quadro assustador, nos perguntamos: de onde advém tamanho ódio e preconceito? Que estruturas culminam na morte de tantas pessoas? O que se faz necessário para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática? Que responsabilidade tem a educação diante de tanto sangue derramado?

Segundo as pesquisas de Oliveira (2016), os temas que envolvem as sexualidades e os gêneros são temas invisibilizados na educação de forma geral, destacando o despreparo e, como consequência, a insegurança de grande parte de docentes para abordar estes temas em suas disciplinas. O autor reitera, em suas considerações, uma necessidade efetiva das formações docentes assegurarem maior domínio e conhecimento para este âmbito.

Bastos e Moita Lopes (2010) também registram a carência da promoção das discussões voltadas aos sexos e gêneros no âmbito escolar e professoral. Os autores reafirmam o mote do tabu utilizado quando professores e professoras se negam a tratar da temática do gênero e sexualidade.

A pesquisa no Brasil tem indicado que os próprios professores ou se mantêm em silêncio no que se refere à homofobia ou frequentemente contribuem para sua reprodução. Tal negligência parece advir do fato de que a sexualidade é ainda um assunto tabu em contextos educacionais, essa perspectiva surge da crença tradicional de que o desejo homoerótico é anormal e não natural. (MOITA LOPES e BASTOS, 2010, p. 285).

Outro autor que nos apresenta a relação entre a escola, os sexos e os gêneros – é Tomaz Tadeu da Silva. O teórico assevera que a sexualidade – apesar de se fazer muito presente nos contextos escolares – é tratada como uma informação; assim como as demais do currículo, quase sempre relacionada com os aspectos biológicos e reprodutivos (SILVA, 2010).

Uma escola que se omite diante das questões que emergem das discussões de gênero e sexo, sem dúvida, é conivente e tem responsabilidade com os números apresentados no início deste trabalho. Mas, por que a escola se omite? Para compreender e avançar é preciso deixar claro: quem é a escola? A quem caberia articular os conhecimentos a serem ensinados e construídos na escola? Ao professor?

À comunidade escolar como um todo? Dentre os membros desta, algum tem maior destaque?

Como afirma Oliveira (2016), é iminente a necessidade de garantir uma formação docente que abrace as temáticas de gênero e sexo. É por isso que neste trabalho apresentamos um breve olhar para a história do currículo dos cursos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, com o intuito de identificar as abordagens de diversidade de gênero na história deste currículo e se de fato, os praticantes desse currículo o consideram favorável a isto. O objetivo geral foi promover reflexões sobre de que forma a educação formal – neste caso através de um curso de formação de professores – pode ser fator essencial de mudança na sociedade por meio de seu currículo; partindo da influência que tem o professor para a construção desse currículo, como aponta Sacristán (2013).

Não o fazemos para culpar o/a professor/a e muito menos para sugerir que seja a universidade militante da causa LGBTQ+, mas, para que ensine a ser (e a ensinar a ser) desfazendo as hierarquias das diferenças, sobretudo, para que seja um espaço que force, questione e subverta (e ensine a ensinar a questionar e a subverter) os discursos que dominam, subjagam e subalternizam. E isto, com certeza, está muito além da tolerância.

2 | PERCURSO METODOLÓGICO

No presente artigo voltamos o olhar para a história de um currículo, por consequência para a história da educação em Ponta Grossa. E ao olhar para um currículo é preciso esclarecer qual é o lugar de quem olha e quem olha e acredita que a educação pode mudar uma realidade; acredita que a educação pode mudar o mundo.

Além disso, espera-se que todos os/as docentes tenham essa sensibilidade de, por meio da educação, devolver aos sujeitos o seu caráter de humanidade e igualdade. Quem olha e crê na recuperação de valores como justiça e igualdade sabe que se trata de uma luta de gigantes. É viagem longa, mas precisamos começar a caminhar e, um dia, saber que chegaremos a essa realidade.

É preciso, cada vez mais, pautar-se na crítica à própria prática, pois, esta envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2000) e nossa defesa é que nos estudos de currículo se reconduza a própria prática. Pesquisar, criticar e dominar o currículo implica diretamente em uma prática centrada e contextualizada, logo, inclusiva e democrática.

Portanto, este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa documental e nele foram analisados os currículos e práticas dos cursos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Parte dos materiais reunidos nesta pesquisa foram disponibilizados, parte

pela pró-reitoria de graduação da UEPG, a outra parte, os autores dedicaram-se a pesquisar no almoxarifado e no Departamento de Estudos da Linguagem, da UEPG. Nessa busca, os seguintes currículos foram encontrados: dos anos de 1952, 1970 são parciais; 1995; 2005 e 2015 integrais. Muitos dos registros dos currículos dos cursos de Letras da UEPG foram perdidos ao longo do tempo. Além disso, trazemos os depoimentos de pessoas envolvidas com o grupo de estudos e que são acadêmicos/as dos cursos de Letras da UEPG.

A problemática desta pesquisa consiste em perceber se ao longo da história dos currículos dos cursos de Letras da UEPG, bem como em sua última reformulação, foram levados em consideração os processos de (res)significação dos discursos acerca dos gêneros e sexos e, partindo disso, se o currículo se configurou como objeto de estabilização do discurso da tolerância. Isto é, não se trata de ensinar (a ensinar) a censurar determinados discursos como, por exemplo, a homofobia, e sim, trazer à tona os reais autores, assim promovendo a desestabilização dos referidos discursos.

Visto que a Universidade Estadual de Ponta Grossa se destaca ao longo de sua história como uma das maiores forças de modernização do conhecimento e do pensamento no interior do Estado do Paraná, entendemos que esta tem a responsabilidade social diante das opressões de gênero e sexo.

A análise do currículo se concretizou levando em consideração os princípios norteadores dos projetos pedagógicos, disponíveis a partir de 1995; e as ementas das disciplinas presentes nos currículos disponíveis em arquivos e internet.

O problema para este artigo foi investigado por meio das seguintes etapas:

I- Análise da presença ou ausência das temáticas de sexo e gênero nos títulos das disciplinas dos currículos, visto que alguns são parciais, impedindo que a análise da ementa possa acontecer. Destacamos que, quando a análise for feita neste aspecto presença/ausência, deveremos apontar:

II- Pesquisa sobre a configuração do currículo como espaços de ressignificações dos discursos opressivos, em relação aos gêneros e sexos, em suas ementas e Planos Políticos Pedagógicos.

III- Análise de avaliação apresentada por participantes do GECED.

Dessa forma, o presente trabalho advém de uma pesquisa qualitativa em que os dados foram levantados por meio de documentos e analisados à luz de pesquisadores que abordam a temática do currículo e de suas diversidades, neste caso, as questões de gênero e sexo. Assim, a abordagem metodológica eleita foi a análise de conteúdo de Bardin (2011), pois, o artigo girou em torno do material disponibilizado em documentos e textos.

3 | OS ESTUDOS DAS DIVERSIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Inicialmente, é essencial compreendermos o que este artigo entende por sexo e gênero. É claro que o trataremos na dimensão cultural que têm os sexos e os gêneros.

Deste modo, é preciso conscientizarmo-nos sobre a origem de tanto ódio e preconceito que a sociedade tem presenciado nas ruas e em instituições como um todo, nos casos de tratamento aos gêneros e sexos que não se enquadram biologicamente como o homem e a mulher héteros – características que são instituídas discursivamente ao longo da história da humanidade.

Conforme os estudos foucaultianos (FOUCAULT, 1988), podemos definir a sexualidade como um dispositivo histórico do poder que se desenvolveu desde fins do século XVIII nas sociedades ocidentais modernas e se baseou na inserção do sexo em sistemas de utilidade e regulação social. Vivenciamos esta regulação social conforme os ditames de uma sociedade heteronormativa calcada na inferiorização de todos aqueles que destoam ou questionam os padrões/normas heterossexuais vigentes (LOURO, 2001; BUTLER, 2017)

Para compreendermos tais termos – comumente tratados com tanto pudor - nos é exigido alteridade para abrir mão de muitos discursos que reproduzimos constantemente que têm em seu extremo a violência e a morte, por exemplo. Quando observamos o que reproduzimos diariamente, antes mesmo de processarmos o tamanho do preconceito e opressão do nosso discurso, nos deparamos com uma realidade que assusta e que envolve dimensões e conceitos bem mais complexos do que os que envolvem gênero e sexo, afinal, estamos tratando de vida humana e de identidades.

Para Butler, (2017) o humano só é capaz de ser humano quando se relaciona com o não humano, isto é, a identidade precisa existir em oposição à outra para que se concretize. Para que o termo humano se consolide socialmente, é preciso que justapostamente se concretize o não humano. E estas relações não estão distantes, nós as concretizamos constantemente, mesmo que não tenhamos autonomia ou consciência diante de tal ato. Trata-se de uma sociedade binária instituída por *nós e eles*. (TADEU DA SILVA, 2004)

Cada vez que reproduzimos uma piada que fere o/a negro/a, os/as homossexuais, os/as trans, as mulheres, os homens – heterossexuais ou não – afeminados e as mulheres – heterossexuais ou não – masculinizadas, nós reforçamos a nossa condição de humano mais viável para a sociedade por ser aproximado de uma norma que garante maior reconhecimento social: homem, heterossexual, branco e europeu, como já asseverado.

O que se passa, portanto, é um ocultamento dessa dimensão das regulações presentes no sistema sexo-gênero e que escapa à própria crítica já consolidada das desigualdades curriculares que terminam por reiterar sua opacidade ao não dar relevo aos mecanismos escolares de homogeneização das diferenças sexuais. Portanto,

As identidades sexuais se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiro/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero (LOURO, 2011, p. 35).

Neste processo, o indivíduo para Butler (2017), funciona como uma estrutura de linguagem em constante formação e justamente nas relações dialógicas do discurso é que ele se constitui. Como se fosse a identidade um processo de adequação social para, assim, tornar-se humano com identidade viável.

Somos agenciados a sermos homens e mulheres: se a criança no útero tem um pênis será um menino, usará azul e não brincar com boneca. Há um construto social sobre o gênero biológico, que é determinado pelo discurso. Entretanto, Butler, (2017) esclarece que considerar o gênero como uma atividade performada constantemente não significa considerá-lo um processo automático ou mecânico, a autora o afirma como uma prática de improviso em um cenário constrangedor.

Separar, então, o sexo de todos os discursos que agenciam, causando a opressão – a injustiça social; favorecendo que os homens ganhem mais que as mulheres, impondo a elas obrigações sub-humanas. Separar do gênero os discursos que condenam as travestis e as/os transexuais à prostituição. Separar o gênero do discurso opressor é o melhor caminho para que no futuro tenhamos uma sociedade onde gênero não defina papel/protagonismo social.

Não existe uma única forma de ser homem ou uma única forma de ser mulher, pois nem sempre o gênero corresponde ao sexo biológico. Há quem se travista, há quem use hormônios, há quem recorra a cirurgias de redesignação. Há quem não se identifique com nenhum gênero. E esta realidade precisa vencer e superar as identidades fixas construídas para os gêneros.

4 | OS ESTUDOS EM CURRÍCULO EDUCACIONAL

Ouvir a palavra currículo nos espaços de abordagem da educação não é nada incomum. Afinal, o currículo é aquilo que o aluno estuda, sua existência é evidente. Todavia, compreender o conceito de currículo e as relações nas quais ele se envolve não é possível sem desvelar sua complexa história. E quando olhamos para a história do currículo e dos sujeitos que estão envolvidos e todas as coisas que são transformadas através dele, concluímos que, de sua origem até os conceitos atuais, o currículo é perpassado por fatos que exigem de nós um posicionamento em relação aos mesmos, isto é, não podemos aderir à ideia de uma neutralidade curricular (SACRISTÁN, 2013).

Ao partirem da concepção crítica de currículo, Moreira e Silva propõem que o currículo deve incessantemente conciliar o ‘como fazer’ ao ‘por que fazer’:

Nesta perspectiva, o currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais e de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares (MOREIRA E SILVA, 2013, p. 14).

Sacristán (2013) define o currículo como uma invenção reguladora dos conteúdos

e propõe uma análise estrutural com dois âmbitos: os elementos *estruturais* e os elementos *estruturados*. O primeiro trata dos âmbitos físicos de currículo, a ordem pela qual ele é estabelecido, enquanto o segundo trata dos aspectos que são afetados – estruturados – pelo primeiro âmbito, são exemplos: o tempo de aprender e de ensinar; o tempo livre; o conhecimento e os comportamentos. Para que haja a construção do primeiro âmbito, é necessário que se faça um recorte de valorizações do segundo, ou seja, o segundo âmbito funciona como um líquido que toma a forma do recipiente onde é colocado.

Afinal, o conhecimento de quem vale mais? Quando se elabora um currículo, quem elabora? Por que o currículo traz estes conteúdos e não outros? Qual a razão para a escolha de determinada forma de recipiente para os conteúdos? E por fim, a serviço de quem está esse poder regulador, inserido invisivelmente no currículo? (SACRISTÁN, 2013)

5 | OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LETRAS DA UEPG

Originalmente os currículos dos cursos de Letras da UEPG foram catalogados para posterior análise. Acerca dos documentos analisados, nos currículos dos cursos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, foi possível observar que os primeiros 43 anos de história aconteceram de forma desprendida de um contexto. Não encontramos um currículo consolidado em prol do entorno da universidade, além do enfoque na literatura masculina e heterossexual. Afirmamos que neste período, constitui-se a formação de uma dívida histórica (do reforço da predominância aos padrões eurocentristas instituídos na sociedade) da academia com a sociedade e especificamente dos cursos de Letras com a escola básica.

Somente em 2005 (para saber mais sobre os currículos versões 1, 2 e 3 acessar uepg.vwi.com.br/conteudo/34/Letras), à luz de novas legislações, um novo modelo se instaura. Foi após 43 anos de história que o currículo dos cursos de Letras mencionou pela primeira vez que seu objetivo seria a instituição de um docente capaz de transformar o meio em que está inserido, por meio da articulação dos saberes específicos e pedagógicos, da ação prática e pedagógica e da linguagem.

Pela primeira vez, os futuros professores teriam acesso a discussões acerca de temas humanistas e progressistas. Embora se concentrem estas temáticas em duas disciplinas: Seminários Temáticos da Realidade Escolar Brasileira e Literatura e mulher. A primeira abrangeu temas como prevenção às drogas, diversidades e inclusão. Enquanto a segunda propôs o estudo de literaturas de autoras e os estudos de gênero, especificamente a Teoria Feminista.

Já é possível perceber que a história apresenta um currículo que é criado em um contexto tradicional e que se apresenta desta maneira nos seus primeiros documentos, partindo com muita moderação em direção a um modelo crítico. E, por consequência,

afirmamos que a história apresenta um currículo que deixa de existir em um plano idealizado e abre-se a uma aventura do contexto, da prática e da consciência de sua função social.

Estas tendências de currículo mais voltado para a criticidade são claras no modelo curricular mais recente, o modelo de 2015. O último texto curricular representa a abertura e entrega para uma nova história curricular e também de projeto de Universidade. O modelo de 2015 se propõe a estruturar o curso de modo que garanta por meio da curricularização da extensão uma integração definitiva e real entre um currículo de formação de professores e o seu entorno.

Entretanto, os temas mais diversos como os estudos com gênero e sexualidade ainda não circulam entre as ementas da última versão do currículo de número 3, iniciado em 2015. O que temos são ementas mais abrangentes que permitem a entrada, conforme o interesse da pessoa que for ministrar a disciplina de temas considerados marginais.

Até o modelo de 1995, o currículo carregou e reforçou, como já afirmado, a dívida histórica da academia com a sociedade. Em 2005, timidamente, o currículo passou a deixar o odor mofado que estava impregnado. No entanto, dez anos foram necessários para a maturação de um novo projeto que efetivamente pode inserir o currículo dos cursos de Letras seu caráter legítimo de ser pertencente a uma universidade pública, que por determinação da Constituição Federal, deveria ser sustentada pelos pilares do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.

Acreditamos que a curricularização da extensão é uma forma de ascensão para a diversidade de forma geral, pois, os projetos que se integram ao currículo, cada vez mais apresentam a inserção de temas marginalizados, como é o caso do GECED.

6 | O GECED COMO ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO PRÁTICO-CURRÍCULAR NO CURRÍCULO DE 2015

A curricularização da extensão dos cursos de Letras da UEPG começou a ganhar visibilidade a partir da implementação do último currículo de 2015, a terceira versão de currículo destes cursos, com mais de sessenta anos de existência. Como todos os processos de alterações de currículo a curricularização da extensão vem como uma forma de inserir esta última no tripé do ensino, pesquisa e extensão como realidade para uma universidade pública que se valha de sua origem.

Em outro artigo Braga e Barreto (2018), fizemos uma explanação sobre o processo da curricularização da extensão nos cursos de Letras da UEPG. Desta forma, para este artigo nos reportaremos ao Grupo de Estudos em Currículo Educacional e Diversidades (GECED), como um dos veículos de implementação da curricularização da extensão, pois, tal grupo também é aberto aos acadêmicos/as que estão matriculados nas terceiras e quartas séries dos cursos de Letras e necessitam

cumprir uma determinada carga horária frequentando projetos que estejam imbricados com a extensão.

O GECED é aberto à comunidade em geral e também para os acadêmicos e acadêmicas, neste momento a composição deste grupo de estudos é diversa, pois, ademais de contarmos com o público da casa (todas as séries), também temos a participação de egressos/as; professores/as da rede básica de ensino.

A proposta do GECED nasce em 2017 quando percebemos a necessidade de implementação de maiores debates e reflexões acerca do currículo e suas diversidades. Primeiramente porque observamos que os currículos educacionais eram algo um tanto quanto resguardado como um documento sagrado, que poucas pessoas poderiam ter acesso. O processo de mestrado de uma das autoras deste artigo já houvera se deparado com a dificuldade de acesso ao currículo, no caso de uma escola pública do interior do Paraná. Posteriormente, em outra fase de estudo, já no doutorado, nos deparamos com a dificuldade de acessar o currículo do próprio curso que atuamos e executamos.

Diante de tais prerrogativas tivemos a iniciativa de propor a criação de um grupo de estudos que pudesse pesquisar teorias sobre currículo e quiçá, promovermos debates e reflexões sobre currículo e essa diversidade oculta que nos causava certa curiosidade. Prontamente, conseguimos apoio institucional e humano e começamos a ler e a questionar por que o currículo de um curso, em nosso caso o currículo dos cursos de Letras da UEPG, está formatado em determinados moldes e não em outros?

Nesta mesma época, a instituição já trazia o debate sobre a inserção da curricularização da extensão. Os cursos de Letras, com um currículo diferenciado, por meio da inserção de disciplinas flexibilizadas também tratou de trabalhar com a inserção da curricularização da extensão. Nestes termos, percebeu-se que as disciplinas que trabalhariam com a curricularização não poderiam ficar somente na sala de aula e assim as projetos de extensão e integrados foram convidados a assumirem a responsabilidade de dividir com as disciplinas de Práticas III e IV. Assim, o currículo de número três, que entrara em vigor em 2015, chega a 2017 com a necessidade de por em prática a proposta de curricularização da extensão nas terceiras e quartas séries.

Na sequência, trazemos seis excertos de textos apresentados por algumas das pessoas que estiveram no GECED nos anos de 2017 e 2018 e dividiram conosco reflexões sobre teorias sobre currículo, gênero e sexo. Foram conosco até algumas instituições trabalhar as temáticas relacionadas à diversidade, vivenciaram rodas de conversas com pessoas que tiveram experiências relacionadas à temática de gênero e sexualidade.

Participante 1: Sobre os ensinamentos aprendi muito acerca da interferência que um currículo mal elaborado acrescenta na educação, ou seja, tornando-se, muitas vezes, reprodutor de metodologias tradicionais e desfavorecidas.

Sobre as experiências nas palestras com o movimento LGBT, tive a oportunidade

de conhecer um pouco mais sobre as dificuldades e preconceitos que os homossexuais ainda sofrem e o que nós devemos fazer para mudar essa realidade, desde o ensino básico.

Participante 2: O GECED tomou então, uma nova perspectiva em minha visão, algo bom de debate embasado a partir de muitos contextos e visões de cada ser, não vem numa simples perspectiva como em tempos antigos de transmissão-assimilação de conhecimento, e sim da dialética entre todos os componentes nos temas abordados, vindos de reflexão, de vários ramos da educação como a área de letras, sociologia, biologia, filosofia, entre outras convidadas e componentes.

Participante 3: Os encontros foram sempre feitos com toda responsabilidade quanto aos temas propostos e trabalhados, a participação de todos e comprometimento do grupo em buscar discutir não somente pontos específicos, mas todo os apontamentos sobre as particularidades do Currículo.

Neste ano foram feitas várias atividades à parte dos encontros quinzenais, as oportunidades de difundir o que trabalhamos em sala mostrou a seriedade e a união do grupo em cada vez mais mostrar a relevância do quanto a discussão de temas desde variedades de gêneros, até discussões sobre preconceitos raciais, não somente para o meio acadêmico, mas para a sociedade em geral é de suma importância.

Participante 4: [...] todas as discussões que pude estar presente no decorrer dos encontros foram de imenso valor para a minha vida, pois, pude ampliar meus conhecimentos a respeito das questões de gênero, raça e tantas outras diversidades. Na minha opinião, é de imensa importância que todos tenham acesso à universidade, independentemente de seu gênero ou raça, pois um país melhor é um país onde todos tenham acesso à educação, não só a básica (ensino fundamental e médio), mas também à esfera acadêmica (onde os sujeitos conseguem de fato expressar suas opiniões de maneira crítica para transformar o mundo de alguma forma). Já caminhamos bastante para que todas essas diversidades tenham acesso à educação, porém, ainda há muito para ser feito.

Participante 5: Aprendemos no GECED a abrir nossos horizontes a fatos, pessoas, histórias que estão a nossa volta, a toda essa diversidade que reluz aos olhos, mas que às vezes não damos atenção, não temos conhecimento de quão rica é e quão benéfica ao nosso viver pode ser.

Aprendi no grupo que, muitas vezes, o que sei pode ser pouco, mas esse pouco pode contribuir para outra pessoa, que agregando “os poucos” da vida conseguimos ter situações de vivência mais harmoniosas e respeitadas, levando em consideração a realidade de cada pessoa.

Participante 6: Acho que a forma do GECED trabalhar, não focando somente no teórico e tendo participações ativas em eventos e estando em contato com essas minorias, para aprender um pouco mais sobre elas e para criar o conhecimento nos proporciona o saber em como agir perante elas, além de nos possibilitar aprender e respeitar para saber como elas querem ser tratadas e vistas. Sair de dentro de uma sala e expandir outros espaços, estando em contato com essas pessoas é de extrema importância para adquirimos experiências. Por conta do grupo aprendi a necessidade de respeitar a diferença dando espaço para que cada um tenha seu direito de liberdade de ser quem é sendo respeitado independente da diferença, abandonando estereótipos.

A partir destes relatos que foram apresentados como avaliação por integrantes do grupo e tomando como exemplo o primeiro ponto abordado que trata da questão sobre como o currículo é visto em um curso diz o participante de número um: *Sobre os ensinamentos aprendi muito acerca da interferência que um currículo mal elaborado acrescenta na educação, ou seja, tornando-se, muitas vezes, reprodutor de metodologias tradicionais e desfavorecidas.* É possível fazer uma analogia ao que diz Tadeu da Silva (2004) sobre o currículo ser o documento na educação que apresenta como as teorias educacionais devem ser trabalhadas com o seu público. É como se o currículo apresentasse apenas uma visão de mundo que devesse ser administrada a todos e todas como se fôssemos iguais e não diversos.

Outro aspecto percebido entre os participantes vem do excerto de texto do participante dois ao dizer que sua percepção no grupo recai sobre a forma de trabalho em que todos/as têm voz e vez, diferenciando a proposta do GECED do formato de educação tradicional disciplinar que valoriza apenas uma forma de cultura, por exemplo. (TADEU DA SILVA, 2004).

Já com o depoimento do participante de número quatro, o que percebemos é que sim, o GECED tem proporcionado maior visibilidade às questões de gênero, sexo, raça e diversidades em geral, temas estes que não estão inseridos nas ementas do currículo diretamente, conforme levantamento apresentado sobre os currículos dos cursos de Letras desde sua existência na instituição.

A fala do participante de número 6 reforça essa perspectiva de visibilidade para os temas marginalizados na educação mas, que são fundamentais para o desenvolvimento da sociedade como um todo respeitável entre a suas diferenças. Os sujeitos são diversos e precisam ser percebidos como tal, o que necessitamos atentar é para a observação da validade da possibilidade de existência democrática dentro da sociedade. Não existe uma cultura melhor que a outra, existem diferentes culturas e diversos posicionamentos dos sujeitos que precisam ter a clareza que esse movimento de existência é diuturnamente construído. (BUTLER, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este artigo, acreditamos que o nosso objetivo de promover reflexões sobre de que forma a educação formal trabalha as questões sobre as diversidades como gênero e sexualidade no currículo dos cursos de Letras da UEPG foi alcançado, pois, além de trazermos um estudo sobre os diversos currículos dos cursos, abordamos questões sobre a entrada da curricularização da extensão no currículo número três e apresentamos o posicionamento de pessoas que estão imbricadas e vivenciando este currículo, por meio dos projetos de extensão, em nosso caso o GECED.

Percebemos que a inserção da curricularização da extensão dos cursos de Letras tem sido percebida de maneira favorável por abrir caminhos para a entrada de temas antes considerados tabus e marginalizados, como é o caso do gênero e sexualidade. Como é possível perceber se tratam de temas que envolvem a política da normatividade como predominância nos currículos educacionais.

Na verdade, é uma forma de julgamento que falsifica o mundo com o propósito de reforçar o próprio privilégio e de certa julgamento moral como sinal de certa “perspicácia” culturais, uma maneira de manter as hordas a distância [...] Em outras palavras, não precisamos entender, mas apenas, e sempre, julgar! Meu argumento, porém, não é paralisar o julgamento ou minar as pretensões normativas, mas sim insistir que devemos formular novas constelações para pensar a normatividade, se quisermos proceder de maneiras intelectualmente abertas e compreensivas a fim de compreender e avaliar o mundo em que vivemos. (BUTLER, p. 207, 2017).

Assim, entendermos cada vez mais que um currículo educacional pode ser formado com a normatividade, mas que também é possível a inserção de temas oriundos das diversidades, das minorias, dos tabus, enfim dos temas marginalizados na sociedade que, nestes primeiros anos de experiência da curricularização da extensão, dos currículos educacionais nos cursos de Letras da UEPG vem sendo incorporados de forma tímida, mas com o aval das pessoas que o fazem acontecer, neste caso os/as acadêmicos/as.

Para comprovar essa teoria temos a fala do participante 5 que diz que com o GECED: *Aprendemos no GECED a abrir nossos horizontes a fatos, pessoas, histórias que estão a nossa volta, a toda essa diversidade que reluz aos olhos, mas que às vezes não damos atenção, não temos conhecimento de quão rica é e quão benéfica ao nosso viver pode ser. Aprendi no grupo que, muitas vezes, o que sei pode ser pouco, mas esse pouco pode contribuir para outra pessoa, que agregando “os poucos” da vida conseguimos ter situações de vivência mais harmoniosas e respeitosas, levando em consideração a realidade de cada pessoa.*

Desta forma, é perceptível que os micros espaços abertos com a curricularização da extensão, nos currículos educacionais dos cursos de Letras da UEPG, tem se mostrado como uma viabilidade de inserção de temas antes, totalmente impossibilitados de serem pensados em uma licenciatura. Ou seja, conforme observado na pesquisa realizada com os currículos destes cursos, percebe-se a ascendência da teoria mais

tradicionalista para uma teoria mais crítica.

Por isso, reiterando o que afirmamos no início deste artigo que a organização de pequenos grupos em prol de objetivos comuns de expansão das compreensões sobre as diversidades são fundamentais para que cada vez mais tenhamos maior visibilidade sobre temas como reflexões e debates sobre gênero e sexualidade, por exemplo.

Acreditamos também que a educação formal é capaz de auxiliar nos entendimentos mais amplos sobre as questões de gênero e sexualidade, pois, são estratégias a serem utilizadas “como uma forma de expandir as normas democráticas existentes de maneira que elas se tornem mais inclusivas” (BUTLER, p. 208, 2017), e diminuam os sentidos de vidas apagadas, em função da discriminação pelos seus gêneros e sexualidades.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Liliana Cabral & LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Para além da identidade: fluxos e movimentos**. Belo Horizonte. UFMG, 2010.

BUTLER, Judith. Quadro de guerra: quando a vida é passível de luto? Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Do Original em Francês.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização a apresentação, Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 48ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

<[HTTPS://tgeu.org](https://tgeu.org)> Site do *Transgender Europe*, acessado em 27/02/2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade In: O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte. Autêntica, 2001

_____. **Gênero Sexualidade e Educação: uma proposta pós-estruturalista**. Petrópolis. Vozes, 2011

MOREIRA, Antonio Flávio. & SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo. Cortez, 2013.

OLIVEIRA, César Henrique. TCC. **Homossexualidade, Discriminação e Preconceito na Escola: O que os profissionais da Educação Pensam a Respeito?** DEEL-UEPG, 2016.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani F. da Rosa. 3ª ed.

Porto Alegre: ArtMed, 2000.

_____. **Saberes e Incertezas sobre o currículo.** Porto Alegre. Penso, 2013.

TADEU DA SILVA, Tomaz. **O currículo como fetiche:** a poética e a política do texto curricular. 2ª. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2ª. Edição. 7ª. Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Apresentação. In.: GOODSON, F. Ivor. **Currículo:** teoria e história. Tradução: Atilio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francischetti. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 7:13.

TADEU DA SILVA, Tomaz; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 10ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-460-3

